



MEMÓRIA

Este 2012, em que se comemora o centenário do nascimento de Celso Emilio Ferreiro, Luís González Blasco 'Foz' resgata-nos a figura e pensamento de Emilio Ferreiro Miguez, o nome com que o poeta de Cella Nova assinava os seus escritos antes da sublevação fascista.

CRIAÇOM

De cativo, Xosé Duncan devorava novelas e romances de Poe e de Stevenson e sonhava com seres impossíveis saídos das entranhas mesmas da terra ou das mentes brilhantes de científicos vitorianos. Hoje continua a fabular, contribuindo com a sua pena a engordar o capítulo de fantasia da nossa literatura. Para um verao sem sol, precisa-se dum relato escuro.

CINEMA

Sob o título 'Diferenças geracionais', Xurxo Chirro escreve acerca das diferentes gerações de cineastas que convivem na Galiza. Segundo Chirro, "desde os anos que envolveram os fastos da celebração do centenário do cinema na Galiza, nom se voltou a pensar dumha maneira histórica". Por este motivo, "agora que a sua pele se tornou mais translúcida", acha que se pode fazer "um diagnóstico clarificador de como é o esqueleto dum organismo que deu sobradas mostras de estar forçadamente homogeneizado".

TEMPOS MODERNOS

Espanha nom é Galiza!

Carlos C. Varela

"¡Sin yanquis ni gallegos!"

Com este berro rematou a senadora uruguaia Lucía Topolansky, dirigente histórica da guerrilha tupamara e o Movimento de Participação Popular, o seu discurso em Buenos Aires a favor da integração latino-americana. O seu companheiro, José Mujica, é sucessor no cargo de Presidente da República Oriental do Uruguai de Tabaré Vázquez, de origem galega, e a quem Fraga lhe colocou a Medalha de Ouro da Galiza. Após a nacionalização da Repsol na Argentina, a raiva anticolonial descarregava-se em ataques aos "gallegos", enquanto a imprensa espanhola mais chauvinista e rança contra-atacava com titulares como "Lugo produce Fideles y Cristinas. Por las venas de la Kirchner corre sangre gallega". A galegidade como arma de arremesso entre colonialistas e colonizados: "galego? Tu mais!". Cristina Fernández, presidenta da Argentina, é neta de Pacasio, um camponês de Vilar Jubim, na paróquia de St. Maria do Trobo, na Fonsagrada, que emigrou a Buenos Aires nos anos vinte. De Fidel e Raúl Castro, já é bem conhecida a sua galegidade. A "provín-



Reaçoms na Argentina após a nacionalização da petroleira YPF

cia" originária de Fidel e Cristina vai no apelido do recentemente destituído – através de golpe de Estado – presidente do Paraguai, Fernando Lugo. Na Argentina, Cristina nom é a exceção mas a regra. Neto de galegos e conhecedor das nossas terras também era Raul Alfonsín, ou Fernando de la Rúa, que num momento mui delicado toma posse com umha grande churrascada amenizada com o som das gaitas. No México, Juan Camilo Mouriño, filho do ex-presidente do Celta de Vigo do mesmo apelido, ocupou o cargo de Secretário de Governação

em 2008. Na Bolívia indigenista, o viguês Rafael Puente foi Vice-ministro de Regime Interior e da Polícia, e Representante Presidencial na Cochabamba que lutou polo direito à água. Puente foi educador, o que som as casualidades, de outra peste de galego, Mariano Rajoy, no colégio dos jesuítas de Leom. E na Venezuela? Aí o labirinto já é próprio de Dan Brown. Farruco Sesto Novás, da representação da UPG em Venezuela sucedendo Celso Emilio Ferreiro, ao Ministério de Cultura e outros altos cargos da Revolução Bolivariana. Na oposi-

ção com mais férrea ao chavismo está o lobby da "Hermandad Gallega" de Caracas no centro das conspirações, o golpista Juan Fernández –um dos líderes da paralisação da patronal em 2003– refugia-se em Carral na

casa dos pais; e na Globovisión, o canal de tevê pró-golpista, o aguilhom mais forte era Carla Angola, quem agora declara sentir-se "mais galega do que venezuelana". Quem precisa de reptilianos ou illuminati havendo galegos?

Afinal, será que o espelho invertido das Américas nos revela a nossa autêntica identidade? No labirinto do galego e o espanhol, do gaiteiro de Cerponçons que ao voltar de Madrid se alegra de por fim "chegar a Espanha", nom será que os espanhóis som, ao fim e ao cabo, galegos? As teses clássicas da descolonização ensinárom-nos que a metrópole mantém com os colonizados um paternalismo típico de quem tem um filho tonto, selvagem, ainda sem educar. Mas no nosso caso nom parece que tenhamos uns autoritários pais da metrópole; o nosso é um problema familiar mais moderno, o dos filhos consentidos que abusam dos pais, desses que quando estudam na universidade nunca levam os seus novos cultos amigos à casa da aldeia, para nom se ter que envergonhar da falta de "cultura" da família, o sotaque da avó, e o cheiro a esterco das quadras. Eugenio Montero Rios, José Canalejas, Eduardo Dato, Casares Quiroga, Francisco Franco (e mesmo o filho de corunhês Adolfo Suárez ou o marqués de Ribadeu Leopoldo Calvo-Sotelo), e agora Mariano Rajoy... os últimos cem anos som de monopólio *gallego* no Governo de Espanha. Estranha colónia, estranha metrópole. Peste de galegos...

Será que o espelho invertido das Américas revela a autêntica identidade? No labirinto do galego e o espanhol, do gaiteiro que ao voltar de Madrid se alegra de por fim "chegar a Espanha", nom será que os espanhóis som, ao fim e ao cabo, galegos? As teses da descolonização ensinárom que a metrópole mantém com os colonizados um paternalismo típico de quem tem um filho tonto, selvagem



MEMÓRIA

EMÍLIO FERREIRO MIGUEZ

Luis González Blasco 'Foz'

Celso Emilio Ferreiro não usa este nome até depois da sublevação militar-fascista de 1936. Antes assinava Emilio Ferreiro Miguez. Vou hoje falar da vida e obra de Emilio Ferreiro.

Ainda não tinha 21 anos quando aparece em Cella Nova, a 5 de janeiro de 1933, a revista *Adiante*; é ele quem a apresenta com o artigo: *O nacer* que reproduzo parcialmente:

Nistes intres estóricos e inquadantes (...) de fondas transformacions, n-os que parés que o Goberno (...) se dispón a trocar á Hespaña federabre n-unha Hespaña federal, é perciso que Galiza amostre o perfil rexo e inconvivible da sua personalidade, pra que non lle sexan negadas unhas liberdades secularmente areladas. (...)

ADIANTE sai n-istes intres crítecos (...) pr-axudar a trocar a nosa Galiza empequenecida i-agri-loada, á Galiza do mouro caciquismo -en que o Galego é lobo do Galego- nun pobo libre e felis, nun pobo forte e criador, (...) onde cada verba sexa unha arela e cada peito unha mañan arumada...

IRMANS: "Os tempos son chegados".

Adiante subintitula-se *Semanario d'a Mocidade Galeguista*; era a Mocidade de Cella Nova, uma das primeiras em se constituírem: não sabemos a data certa mas as primeiras (Ourense e Crunha) são de fevereiro de 1932 e antes de um ano os de Cella Nova têm aços para editarem um jornal que, infelizmente, não teve continuidade.

A F.M.G. constituiu-se em janeiro de 1934; creio que erra Xavier Castro¹ ao afirmar que o secretário-geral da Mocidade de Vigo, Jaime Ilha, faz um chamado às outras Mocidades para se federarem (:709) que seria acolhido, entre outras, pola de Cella Nova. O tal chamado existe, intitula-se *Falar e facer* e aparece no n.º 345 d'A *Nosa Terra*, 25/10/34, quando a F.M.G. já tinha quase oito meses de existência, a resposta de Cella Nova figura no n.º 347, 8 de setembro, e está assinada por Emilio Ferreiro Miguez, para que se veja de que se tratava reproduzo-a:

¡PRESENTES!

Coma o soldado que, ardendo em impacencia agarda, arma ao brazo pola orde -que non chega-

de entrar en fogo, podendo sere nas avangardas da loita, eisí háchase a veterán Mocidade de Celanova dende a constitución da F.M.G.

Nós coidábamos que as Mocidades, ao conquerir isa independencia (...) do Partido, encomenzarían (...) movimento auténticamente xuvenil, é decire, revolucionario, destructor, violento, capás de quitarlle o sono aos gobernadores das catro provincias e de faguer vibrar os nervos, hoxe aletargados, d-isa gran parte da xuventude galega inda non enrolada nas nosas filas (...) preparámonos pra sere os primeiros (...) que quixeran dare a súa sangue e a súa liberdade, (...) fixemos unha recruta de voluntarios dispostos a todo. Formada ista especie de forza de choque, puxémonos a esperar, cheos de impacencia e de fervor patriótico, pol-a hora de "aición" (...) Pasaron os días e (...) non chegaba; entón, concretando o pensar unánime dos meus irmáns, pubriquei un modesto artigo do cal son (...) istas verbas: "Sóbranos lirismo e fállanos audacia e rebeldía combativa. Feito xa o edificio do noso sistema, temos que esborrallar o do nemigo. Namentras (...) os irmáns maores construen as esencia da Patria, nós, os mozos temos de sere piqueta derrumbadora da "antipatria"; (...) a forza que impoña o que o cerebro concebiu. Pra elo, hai que afrontar a loita revolucionaria con total-as súas consecuencias de encadeamentos, persecucións, etc. En cada Mocidade debe faguerse unha entrecolleita de patriotas fortes e decididos, pra que (...) saian á rua a imporse pola violencia..."

Istas verbas non hacharon eco (...) nós, tristes, pro non decepcionados, seguimos esperando...

Máis agora, dempois de léer o chamamento que nos fás, (...) Irmán Ilha Couto, nós contestamos: ¡Presentes!

Parece que entre *Falar e facer*; Emilio Ferreiro e os seus amigos eram partidários de fazerem. Mas também falavam e escreviam poemas como esta "Arenga" publicado no *Heraldo de Galicia* (16/10/1933):

Ergue labrego. Érguete e anda.
Como en Irlanda. Como en Irlanda.

A. BRAÑAS

I
¡Galiza! O teu destiño,
tenche marcado-un camiño
de Xustiza e Liberdá.

II
¡Galiza! Axíña alerta,
espreguízate i esperta.
I-encomenz-a camiñar.

III
Creb-as noxentas cadeas
que tiranas maus alleas
che viñeron colocar.
Se de ti mesma Señora,
deix-a Castela opresora.
Qu'è causa do teu mal.

Um dos atos mais importantes da F.M.G. foi o de outubro de 1935, em Cella Nova. Nele falou Emilio Ferreiro, há até três versões diferentes da sua intervenção no ato: no n.º 387 d'A *Nosa Terra*, 19/10/1935 e no n.º 1 de *Guieiro*; há diferenças tanto linguísticas (Galiza em vez de Galicia, achar por estar, etc.), como políticas -o texto que figurava no porta-voz da F.M.G. era mais radical que o d'A *Nosa Terra*. Porém, *Guieiro* era prudente, apesar disso Emilio Ferreiro -diretor de *Guieiro*-foi processado "por publicar textos com insultos a Espanha"; a amnistia da Frente Popular livrá-lo-ia do julgamento. Fora do alcance do censor espanhol A *Fouce* (n.º 84, novembro de 1935) publica a versão mais exata e rigorosa. Ei-la:

Inicia os discursos Ferreiro, quen com gran vehemencia di que o aito ten unha significado d'affirmazón totalmente nazionalista. Fala da xuventude que non milita na Federazón de Mocidades Galeguistas, e fai notar a diferencia existente entre ambas, decindo "aquéla quere impor na nosa Patria as ideas imperialistas da meseta com pistola na mao; mais nós, a auténtica mocidade galega, temos que estirpar do chao galego esa pseudo-xuventude, sexa como



Exemplar da publicação *Adiante*

sexa, de xeito pacífico ou non."

Máis adiante di que a F.M.G. debe estar en pe de loita pra conseguir a cristalizazon do ideal nazionalista, dentro ou fora da lei

Terminou decendo: Queremos que fique ben sentado, que a F.M.G. loita pol-a total e absoluta liberdade da Patria.

(...) dixo o seu discurso nun tono de gran emozón comunicativa, facendo vibrar d'entusiasmo ó público que cos seus prolongados aplausos impediu ouvir moitos dos párrafos máis valentes do seu patriótico discurso.

No mesmo jornal publica Emilio Ferreiro o artigo *Posicións trabucadas com a dedicatória Pra A FOUCE*, e que começa assim:

Con motivo do conflicto ital-etíope, o Partido socialista hespañol, ceibou un manifesto condenando a bárbara agresión das mesnadas do Duce ao pobo indefenso de Abisinia. (...)

Di esí o párrafo de que falamos: "Todo aquel pobo ao que se prive do

dereito a rexirse por si mesmo, ten nosa fervorosa adhesión."

A seguir, Emilio Ferreiro, diz partilhar estas palabras; porém, considera que ditas pelo PSOE não passam de uma falsidade e denuncia que este partido nuca aceitou as reivindicações galegas, bascas nem catalãs. A linguagem de Emilio Ferreiro é dura, tão dura como as tradicionais posturas do PSOE: *os socialistas hespañoles -e tan hespañoles; hespañoles por enriba de todo*.

Na 2.ª assembleia (maio de 1935) da F.M.G., José Velo é eleito secretário geral e Emilio Ferreiro -seu íntimo amigo- secretário de organização; representavam o setor arredista da F.M.G. Na 3.ª assembleia (maio de 1936) o setor arredista é derrotado por 439 votos contra 331.

¹ O *Galeguismo na encrucillada republicana*



Celso Emilio Ferreiro assinava como Emilio Ferreiro Miguez antes da sublevação fascista



A FOTO

Xosé Antón Bocixa

Ano de 1973, comecei na escola unitária das Encrobas, de 1.º a 5.º às tardes, de 6.º a 8.º de manhã! Única mestra que nos aprendeu a entrar dizendo "buenos días tenga usted!". O castigo habitual: castigadas sem mizar e sem jantar! Ao marchar un obrigado "usted lo pase bien!". Ano de 2012, pretender voltar ao mesmo método com cortes que anuncia o governo "Frijol"! Em Carvalheda d'Avia nom ficam caladas!!! Pelejemos polos nossos direitos!



CRIAÇOM

No pólo oposto das construçoms faraónicas vazias de contido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criaçom. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com cada novo número fornecemos un texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Xosé Duncan define-se como umha pessoa alheia ao mundo real, se quadra por isso lhe vai tam bem a fantasia. Fai parte da rede de autores da revista *Contos Estraños*, umha reivindicaçom do género *pulp* e do romance por entregas que, desde esta seçom, celebramos. Eis a sua primeira colaboraçom com o *NOVAS DA GALIZA*, um relato que acontece no mais escuro..

O poço

As vezes, a melhor saída era ficar quieto. Isso pensava mentres colava a tripa à gélida parede. Também se lhe passou pola cabeça que, se o chegar a saber, nom teria tirado a camisola e agora nom estaria morto de frio.

Mirou cara arriba, à sua ligaçom com o exterior; mas nom havia qualquer movimento na borda do buraco. Já postos a pensar, deu-lhe voltas a se poderia ser de ajuda dar um berro e ver se alguém vinha no seu auxílio. Umha boa ideia se non for polo regueiro de gasolina. Desde havia um minuto pingava polos cantos das pedras. Se lhe punha algo de imaginaçom, pensaria que alguém a derramava desde acima, mas isso seria admitir que esse alguém sabia que estava ali e nom fazia nada por ajudá-lo.

Como chegara ali? Só lembrava que agitara a sua camisola pedindo ajuda e, depois, o golpe. Botou a mao à frente e apalçou a crosta resseca de sangue. O contacto com a ferida arrancou-lhe um grito de dor.

Voltou mirar arriba e pensou em escalar. Nom havia moita altura, poderia chegar, mas as paredes eram mui lisas, demasiado. Nom, nom seria capaz. Acarinhou com a mao a rocha

e notou os cortes perfeitos, o poço estava feito polo homem.

Toc, toc. No chao a chuva começava a cair. Pisou, nervoso, para comprovar se a água filtraria mas se deu conta de que era de cimento. Varreu com o sapato a superficie, tentando descobrir umha tampa ou lugar polo que drenar a água e viu que era umha única e dura capa ademais duns cabos que sobressaíam num curruncho. Repassou a toda velocidade, e sen nenhum tipo de razoamento lógico, o buraco, a gasolina, os cabos elétricos, a água... Desatou os sapatos e tirou as peúgas. Com um deles cobriu os cabos e o outro atou-o sobre o primeiro como se assim o protegesse melhor.

Mirou para arriba mais umha vez desejando que, numha dessas vezes, aparecesse alguém. Pisou a água que já se acumulava à altura do tornozelo e as salpicaduras molhárom-lhe as calças. Respirou de forma entrecortada, preso da ansiedade, e apoiou com força as maos na parede, esticou os braços e colou lombo na contrária. Pensou que era impossível mas decidiu que nom tinha opçom. Levantou um pé e fincou-o na parede, fijo toda a pressom que puido e ergueu a outra perna



por Xosé Duncan

para ascender uns centímetros. Por um segundo todo o seu corpo tremeu, vencendo-se à gravidade que o queria no chao. O medo fijo-o esticar as pernas, ignorando a dor, e conseguiu subir algo mais. Por cima dele, a cada empurrom, a borda parecia mais e mais perto. A chuva corria abundantemente e coava-se entre a parede e o seu lombo. O seguinte empurrom já non foi tam seguro e escorregou sobre a pedra molhada.

A Guarda Civil chegou ao lugar do acidente. Umha mulher de média idade chorava desconsolada, às escuras, sentada ao volante. O homem surgira na berma, fazendo sinais com a sua camisola, e ela nom puidera fazer nada para evitar a carga e lançara-o vários metros mais alá. A má fortuna assanhara-se com a vítima, já que caiu por um poço feito para os piares da ferrovia e partiu a nuca na queda.



O pêndulo das feiras

Valentim R. Fagim

A Gentalha do Pichel vem de lançar um documentário sobre os dias da semana chamado *Quarta-feira logo vem*, recolhendo gravações de pessoas que ainda utilizam esta forma de denominar os dias da semana em diferentes pontos do país.

Este sistema é, de facto, um

caso único na Europa e podia ser desses casos únicos que tanto transtornam e seduzem os etnógrafos e os amantes do *authentically Galician*, umha espécie sem perigo de extinção na Galiza.

Infelizmente, nem sempre deveu ser assim. Se assim fosse, nom seria considerado, polos alunos galegos de *português lín-*

gua estrangeira, como um dos traços mais genuínos e cativantes da dita língua estrangeira.

Se revisamos a história do galeguismo, veremos umha constante “pendular”. Umha pequena elite galeguista coloca em circulação umha palavra, por exemplo, *galego*, *Galiza* ou *segunda-feira* e nom demora

muito a ser tachada de estrangeira e alheia polo Statu Quo, latinismo este para referir-se aos que mandam.

Eis o seguinte texto de Eugénio Carré, que já tem 101 anos, para abonar este pêndulo:

“Fue de oír lo que se dijo contra los que venían decididos á volver por la pureza y elegancia del lenguaje. Verdaderas enormidades, que provocarían á risa sino dieran tristeza por el atraso intelectual que acusaban, vieron la luz, no siendo la menor la de quienes á los restauradores de la

pureza del idioma tildaron de aporuguesados y á las voces de más pura cepa gallega (...) no tuvieron inconveniente de tildar de lusitanismos, antes que confesar la ignorancia en la lengua de sus padres [NOTA: No se juzgue que exageramos. Para los que recuerden ciertas campañas, no será desconocido el caso de quien, tenido en concepto de muchos por una celebridad, negó en varios artículos que palabras tan gallegas y generalizadas en toda la región como abafar, outono y segunda y terceira feira, fuesen palabras gallegas]”

CAMPA AUDIOVISUAL

Diferenças geracionais

Xurxo Chirro

Desde os anos que envolveram os fastos da celebração do centenário do cinema na Galiza, nom se voltou a pensar dumha maneira histórica. Agora que a sua pele se tornou mais translúcida, pode ser feito um diagnóstico clarificador de como é o esqueleto dum organismo que deu sobradas mostras de estar forçadamente homogeneizado. Provavelmente, o elemento mais esclarecedor do audiovisual galego é que convivem várias maneiras de entender o cinema. Distintas perspetivas que podemos relacionar com umha estratificação geracional. Nesta taxonomia existem elementos discordantes, exceções à regra, mas estes, por desgraça, som os menos.

Para ir entrando em matéria, podemos ver como, a dia de hoje, convivem até cinco gerações de cineastas que, mais ou menos, se correspondem com as décadas em que começaram a fazer cinema e com os seus anos de nascimento. Podemos reconhecer umha primeira, a mais velha, a do Cinema Amador da década de 1970, da qual já restam poucos representantes em ativo. Miguel Castelo (n. 1946) estreará em breve o seu filme “Sonhos arraianos”, e em 2008, Euloxio Ruibal (n. 1945) fijo umha curta-metragem experimental intitulada “Mamai Fedra”. Esta geração foi a que começou a pensar em cinema estando cientes do nada.



Tentaram fazer um cinema amador que unira a crítica social, as vaidades literárias e a plasmagem identitária.

A segunda geração foi a da Vídeo-criação da década de 1980, umha vasta lista de criadores que, na sua maior parte, nasceram na década de 1950: Antón Reixa (n. 1957), Xavier Villaverde (n. 1958), Antón Caeiro (n. 1960), Manuel Abad (n. 1953), Xosé Manuel Bua (1958)... Bascularam com eficácia no frenesi tecnológico. Umha geração que contou com a ajuda governamental e que, graças ao seu indubitável talento, serviram para dar-se a conhecer no exterior, sobretudo por meio do canal videográfico. Poucos deles som os que chegaram a trabalhar em celuloide, no que se deu em chamar a versom galega do chamado Cinema das Autonomias; porém, a maior parte acabou alimentando a TVG. Nom obstante, a este grupo unírom-se outras personalidades criadoras procedentes doutros âmbitos: Margarita Ledo (n. 1951), Héctor Carré (n. 1960),

Jorge Algora (n. 1963), Ignacio Vilar (n. 1952), Xavier Bermúdez (n. 1951), Carlos Amil (n. 1959)...

A terceira geração foi a saída da Escola de Imagem e Som da Corunha. Provavelmente, é a mais consciente, já que as distintas promoções de realizadores e técnicos que saírom nos primeiros anos dessa instituição educativa estavam chamados a preencher os ocos profissionais que havia num setor “estratégico em alta”. Um período em que se exacerbaram as especificações dos roles gremiais num contexto onde o cinema se afanava em incrementar a sua qualidade técnica. Entre os que possuem mais continuidade e chegaram a fazer longas-metragens, encontramos Jorge Coira (n. 1971), Sandra Sánchez (n. 1970), Alfonso Zarauza (n. 1973), Carlos Alberto Alonso (n. 1970), Luis Avilés (n. 1969), Enrique Otero (n. 1971), Judas Diz (n. 1973)... A estes há que acrescentar os realizadores (integrados e apocalípticos) procedentes das Belas Artes como Uqui Permui (n. 1961), Mario

Iglesias (n. 1963), Susana Rei (n. 1966), María Ruido (n. 1967) ou Fernando Cortizo (n. 1973).

A quarta geração é a descrente. A que se denomina como Novo Cinema Galego. Novos criadores entrárom ao assalto tentando ocupar um sítio nas margens, optando por novos modelos de produção afastados da hierarquia e da vassalagem a umhas heranças de produção caducas e limitadoras. Provavelmente, o contexto de democratização das novas tecnologias foi o que mais marcou estes cineastas que vírom que “era possível”. Dentro destas, o facto mais definitivo foi o acesso à banda larga, onde a cinefilia se expandiu até limites insuspeitados. Mas o processo acelerador desta conjuntura veu via administração, da Agência Audiovisual Galega e das suas convocatórias de talento. O caminho desta liberdade criadora começou com as propostas experimentais de Alberte Pagán (n. 1968), e foi seguido em práticas um grupo mui heterogéneo em idades, em interesses e em procedências: Oliver Laxe (n. 1982), Ángel Santos (n. 1976), Marcos Nine (n. 1975), Eloy Enciso (n. 1975), Peque Varela (n. 1977), Ramiro Ledo (n. 1981), Pela del Álamo (n. 1979), Sonia Méndez (n. 1980), Víctor Hugo Seoane (1982), Xacio Baño (n. 1983), Lois Patiño (n. 1983)... Sem qualquer dúvida, a geração de cineastas que deu maior projeção ao cinema galego no exterior.

Por último, deve referir-se que, a dia de hoje, fechado o apoio institucional, abriu-se o tempo para que emerja umha nova geração que se perfilará entre as grandes incertezas que depara tanto o presente como o futuro. Som uns realizadores que ainda nom se dêrom

a conhecer, mais que enfrentam e enfrentarém o seu desembarco na criação audiovisual na mais total orfandade. As pautas nas quais se conformaram as práticas cinematográficas nos próximos anos na Galiza están no ar e dificilmente se voltará a situações passadas. O legado do passado será gerido polos novos criadores segundo a sua conveniência, tentando conformar as características próprias que os definam.

Este diálogo intergeracional revela umha série de conclusões: o contexto (o social e o cinematográfico) definiu fortemente as gerações do audiovisual galego, a cada período corresponde umha conceção cinematográfica mui específica, a aspiração polo industrial motivou umha inclinação polo standard, relegar os critérios comerciais motivou um maior risco artístico, até as últimas gerações o mundo do cinema dominou o cinema, a hipotética normalização do setor foi devida a certa tutela da administração, cada década acolheu um lustro de sublimação e outro de mudança de paradigma, as gerações pró-industriais ficam ancoradas sen arelas de reatualização, a atitude possibilista fomentou a continuidade da norma e maus vezos administrativos, o intercambio geracional ocorreu com mais fluidez quando quebrou o sistema industrial, a terceira geração adiou-se pola seródia consolidação da segunda, o acesso a longametragem cobria gerações posteriores, a atitude crítica contra o académico provocou a liberdade criativa e a quarta geração concilia membros nascidos num maior arco de anos definindo-se como a mais democrática de todas.